REVISTA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS | ISSN: 2447-0244
Vol.2, n. 2, set-dez. 2016
Missões

Cemitérios, Memórias e Emoções: A Vivência Profissional dos Sepultadores no Sul da Bahia sob o Enfoque da Sociologia das Emoções

Cemeteries, Memories and Emotions: The Professional Experience of the Burials in the South of Bahia under the Focus of the Sociology of Emotions

Davi Kiermes Tavares
José Paulo Siefert Brahm

Resumo: Este artigo tem lastro em pesquisa exploratória empreendida junto aos sepultadores do Cemitério Municipal da Consolação, na cidade de Eunápolis, e do Cemitério Pousada Eterna, na cidade de Porto Seguro, ambos situados no sul do Estado da Bahia. Expõe alguns de seus relatos quanto às implicações da profissão em suas emoções. Analisa-os à luz da Sociologia das Emoções. Infere que os sepultadores não estão imunes aos vários sentimentos conexos ao trabalho que executam, pelos vínculos sociais que desenvolvem junto ao público assistido por eles.

***Palavras-chave*:** Cemitério; Memórias; Emoções; Sepultadores; Relações Sociais.

Abstract: This article is based on an exploratory research carried out with the burials of the Municipal Cemetery of Consolação, in the city of Eunápolis, and the Cemetery Pousada Eterna, in the city of Porto Seguro, both situated in the south of the State of Bahia. He expounds some of his accounts of the implications of the profession on his emotions. Analyze them in the light of the Sociology of Emotions. It infers that the burials are not immune to the various feelings connected with the work they perform the social ties they develop with the public they attend.

Keywords: Cemitery; Memory; Emotions; Burials; Social Relationships.

1 Introdução[1]

Os mortos, porém, não existem.
Ou só existem na memória dos vivos, presentes e futuros.
Norbert Elias, A Solidão dos Moribundos

[1] Uma versão mais simples e bastante modificada deste artigo foi apresentada, em comunicação oral, no VI Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC), ocorrida na cidade de Belo Horizonte/MG, nos dias 8 a 12 de julho de 2013, e está disponibilizada nos ANAIS do evento.

William Lloyd Warner (1898-1970), em seu precursor e revelador livro *The Living and the Dead: A Study of the Symbolic Life of Americans*, referindo-se ao cemitério, coloca: "Just as cemeteries reflect in miniature the past life and historic eras through which the community has passed, so contemporary graveyards symbolically express the present social structure"[2] (1959, p. 35). Em continuidade, Warner alega que os elementos básicos de organização social assim como os conflitos decorrentes dos mesmos, a vida associativa da comunidade e todo o seu status social, tudo isso pode ser "lido" pelas pistas fornecidas pelo cemitério.

Por sua vez, Michel Vovelle (1997) afirma que o cemitério engloba toda uma simbologia – figurativa ou não, expressa na arquitetura e estatuária – associada a uma consciência diversificada da morte, aos afetos familiares e às relações sociais, que tem um equivalente cívico nos monumentos públicos e nos memoriais.

Dessas duas posições, aduz-se, em sintonia com Motta (2008; 2011), que os lugares de sepultamento são:

1) espaços construídos socialmente e podem ser vistos como lugares de práticas sociais que possibilitam leituras sociais;

2) possuidores de um caráter especial e individual devido à relação simbólica instituída entre sociedade e cemitério, que abrange interpretações, entre outras, sobre a morte, a dor, o medo, a memória, a identidade.

No âmbito dessas considerações, o que interessa e mobiliza o exercício deste artigo é a imbricação entre o cemitério – como espelho que reproduz a memória social em histórias pessoais que se cruzam em determinados momentos e testemunham o carinho dos vínculos de afetos dos que vão e dos que ficam – e os sepultadores – uma das testemunhas "privilegiadas" dessas relações e interações sociais e emocionais.

Nos cemitérios, em termos profissionais, conforme revela estudo circunscrito à cidade de São Paulo/SP nos primeiros anos da década de 1990 (LESSA, 1995), são desenvolvidas funções administrativas e operacionais. A estrutura organizacional varia conforme o tipo de cemitério. Nas funções administrativas existem os cargos de administrador de cemitério, auxiliares administrativos e contínuos. Para as atividades operacionais – que envolvem o sepultamento, a exumação, a construção de jazigos, jardinagem e manutenção – são

[2] Tradução livre: "Assim como os cemitérios refletem em miniatura a vida passada e as eras históricas através das quais a comunidade passou, então os cemitérios contemporâneos expressam simbolicamente a atual estrutura social".

requisitados: encarregado de sepultamento, sepultador de jazigos, sepultador,[3] construtor de jazigos, jardineiros, mantenedores, vigias.

Ainda com base nesse estudo, sabe-se que o "encarregado de sepultamento" é/era responsável por:

a) preparar as sepulturas para sepultamentos e exumações;

b) preparar escalas e distribuir as tarefas para o pessoal operacional;

c) supervisionar os serviços de construção e limpeza do cemitério;

d) acompanhar o trabalho dos jardineiros, mantenedores e vigias;

e) orientar e treinar os empregados sob sua responsabilidade.

Por sua vez, o "sepultador de jazigo"[4] se responsabiliza(ria) em:

a) preparar a sepultura para a inumação, retirando a laje e limpando a gaveta;

b) transportar caixões do velório ou carro funeral até a sepultura utilizando-se de carrinhos;

c) depositar o caixão nas gavetas com o auxílio de cordas, recolocando a laje e cimentando para o seu fechamento;

d) sepultar órgãos amputados nos jazigos das famílias;

e) retirar os restos mortais das sepulturas colocando os ossos em urnas ou sacos plásticos;

f) recolocar terra e alvenaria segundo o tipo de jazigo;

g) varrer, lavar e cuidar da limpeza dos corredores e sepulturas; h) auxiliar na pintura de muros, paredes e guias.

Finalmente, o "sepultador" (cemitério sem jazigo) tem/teria por atividades:

a) demarcar o terreno para o afundamento de sepulturas;

b) cavar as sepulturas de adultos, crianças, fetos e órgãos amputados, obedecendo às medidas estabelecidas pelo encarregado;

c) auxiliar no transporte de caixões até as sepulturas;

d) sepultar, descendo os caixões até o fundo da cova com o auxílio de cordas, recobrindo com terra até o nível da rua;

[3] Segundo a classificação brasileira de ocupações (CBO) do Ministério do Trabalho, a Ocupação designada como Sepultador (Coveiro, Oficial de obras – sepultador, cód. 5166-10) está vinculada à categoria de Trabalhadores auxiliares dos serviços funerários (cód. 5166). A descrição sumária de suas atividades é: "auxiliam nos serviços funerários, constroem, preparam, limpam, abrem e fecham sepulturas. Realizam sepultamento, exumam e cremam cadáveres, trasladam corpos e despojos. Conservam cemitérios, máquinas e ferramentas de trabalho. Zelam pela segurança do cemitério" (MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO, 2002).

[4] "Os jazigos são edificações em alvenaria contendo compartimentos vedados (carneiros) fechadas por uma laje, onde são depositados os caixões ou urnas mortuárias contendo ossos ou cinzas dos mortos" (LESSA, 1995, p. 69).

e) fazer exumação, retirando os despojos dos mortos e colocando-os em sacos plásticos depositados nos ossuários;

f) capinar o matagal que cresce entre as sepulturas, recolhendo os detritos;

g) recolher flores velhas, velas, lixo e detritos de macumba como garrafas de bebidas, animais mortos (bodes, galinhas, etc.), mantendo limpa a quadra sob sua responsabilidade.

Como se percebe, o trabalho desse profissional implica o contato com um objeto "anormal", um ser "impuro", um "perigo" – segundo argumentos de Rodrigues (1986).[5] Posto que a noção de "impureza" não se relaciona exclusivamente com a questão sanitária, mas principalmente com o caráter simbólico da morte: a impureza está no desconhecido, na agressão à ordem social, para quem a morte é um rompimento e uma ameaça. Assim, os cadáveres não são apenas corpos sem vida; são a materialização da morte, a sua expressão e o seu veículo.

Por trabalharem diretamente com o lado denso da morte – o impacto do defunto, a sujeira e o cheiro da decomposição dos corpos – e sendo protagonistas do doloroso ritual que a família e amigos do morto vivenciam, os sepultadores estão expostos a uma vivência exacerbada de sentimentos em relação à morte e o morrer.

O termo "trabalho penoso", que é utilizado para caracterizar a experiência dos sepultadores enquanto profissionais, é frequentemente referido, com poucas variações de significados, para designar o processo (ou as condições de trabalho) que exige esforço físico excessivo ou que causa prejuízos à saúde física e mental (SATO, 1995). Esta autora descreve o trabalho penoso como aquele cujo contexto gera incômodo, esforço e sofrimento demasiados, sobre o qual o profissional (no caso em tela, o sepultador) não tem controle. A exumação dos restos mortais, que pode ser entendida como uma ação penosa, é uma das principais atividades laborais do sepultador.

Além do "peso emocional" das atividades que executa, o sepultador é alvo de um duplo estigma (que também o fragiliza emocionalmente): o primeiro, relativo ao local de trabalho, à relação com a morte e o morto; o segundo, no tratamento que recebe dos outros colegas de trabalho.[6] É o que observa a pesquisadora Cláudia Lessa:

[5] Seligmann (1994) observa que do ponto de vista psicossocial existe certo tipo de atividade laboral em que há contato com dejetos (trabalho em esgotos e depósitos de lixo) ou com cadáveres, que podem levar à discriminação e desvalorização de seus executantes (o caso dos sepultadores). O trabalhador dessas atividades tende a autodesvalorizar-se e, muitas vezes, identificar-se com o conteúdo "sujo" e "morto" do seu trabalho, o que nestas ocupações socialmente discriminadas pode fazer despontar consequências psicossociais.

[6] Isso pode ser constatado no filme *A Partida* (2008), de Yojiro Takita, Oscar de melhor filme estrangeiro de 2009.

> [...] Tanto os trabalhadores administrativos como os operacionais são conscientes do estigma de trabalharem no cemitério. Os operacionais são mais imunes às pressões e discriminações, criando representações especiais, enquanto os de escritório procuram dissimular a participação no grupo estigmatizado.
> [...] Os empregados operacionais que trabalham dentro dos cemitérios separam-se em dois grupos distintos: os sepultadores e os demais. O sepultador trabalhando no sepultamento e exumação e os demais, jardineiros e mantenedores, construtores e vigias.
> O sepultador é uma das profissões das mais, senão a mais estigmatizada. Chamadas de "formigões" pelos colegas de trabalho, os próprios sepultadores têm consciência disso [...].
> Os demais trabalhadores operacionais de cemitério, empregados ou autônomos, como jardineiros, conservadores, mantenedores e vigias, são também estigmatizados, porém o maior e o grande peso do estigma pesa sobre o sepultador (LESSA, 1995, p. 65; 67; 68; 75 - destaque da autora).

Este artigo se insere no campo investigativo de trabalhos como os de Dittmar (1991), Franco (2008), Pêgas (2008), Zelenovic (2008), Silva (2009), Câmara (2011), National Geographic (2013), Kovács; Vaiciunas; Alves (2014), entre outros, posto que deriva de pesquisa exploratória desenvolvida junto aos sepultadores do Cemitério Municipal da Consolação, na cidade de Eunápolis, e Cemitério Pousada Eterna, na cidade de Porto Seguro, ambas situadas no sul do Estado da Bahia, durante parte do ano de 2012. Pesquisa essa, de caráter particular, que buscou obter relatos dos sepultadores quanto ao significado da morte e do morrer, o sentido de suas atividades profissionais, e a repercussão disso tudo em suas vidas, sobretudo, no aspecto emocional. Todavia, se os trabalhos declinados abordam e tratam dessas e outras questões pela perspectiva teórica da Psicologia, da Religião, da Saúde, buscou-se na Sociologia das Emoções de base eliasiana o seu enfoque teórico.

2. Conformando relações sociais e emoção

As relações entre os seres humanos que vivem em sociedade são chamadas de relações sociais. Elas constituem a base da sociedade. Vale dizer que sem elas a sociedade não existiria. Essas relações supõem a existência de pessoas que interagem reciprocamente. Não são relações fixas e imutáveis. São relações dinâmicas que se transformam com as mudanças na sociedade, ao mesmo tempo que as estimulam e interferem nelas. Tais relações constituem o contexto social que, juntamente com a cultura, formam o pano de fundo de enquadramento da experiência emocional e das suas manifestações; uma vez que essa experiência e manifestação podem ser entendidas por dois aspectos: o primeiro, como decorrência de uma

predisposição biológica humana; o segundo como consequência do molde cultural sobre a experiência e expressão das emoções.

As emoções impregnam todas as experiências da vida (quer individuais ou sociais): o nascimento de um filho, a morte de um ente querido, um casamento, a mudança de um amigo, o término de um relacionamento, uma promoção... eventos acompanhados sempre de emoções. Os seres humanos parecem nascer "equipados" para a experiência emotiva: desde muito pequenas as crianças demonstram e são afetadas por tristezas, alegrias, raivas - outras emoções - e aprendem, através da socialização, a conter ou demonstrá-las de um modo aceitável dentro do seu grupo social.

No entanto, duas questões se impõem: até que ponto a cultura e a sociedade modulam a expressão e a experiência emocional? Ou mesmo, será que as emoções são inteiramente um constructo sociocultural?

Para alguns autores, as emoções são afirmadas como processos eminentemente sociais, não cabendo sequer a questão teórica de que as emoções não sejam socialmente construídas. Afirmam que a emoção não pode ser entendida como um estado interno do sujeito, nem tampouco que seja puramente um produto de suas próprias ações individuais.

Norbert Elias (1897-1990), por exemplo, em seu ensaio *On Humans Beings and Their Emotions: A Process Sociological Essay* (1987), sustenta essa posição e apresenta uma nova orientação na abordagem das emoções humanas, indicando de maneira muito enfática os princípios básicos para abordagens figuracionistas em relação às emoções. Ele parte de algumas hipóteses para distinguir os seres humanos das outras espécies. A primeira delas advoga que os seres humanos, como uma espécie, representam uma ruptura evolucionária, pois o equilíbrio de poder entre condutas apreendidas e não apreendidas tomou um novo rumo. Pela primeira vez no processo evolucionário, modos predominantemente aprendidos de direcionamento comportamental tornaram-se, de forma clara e incontestável, dominantes em relação aos modos predominantemente não aprendidos.

A segunda hipótese: seres humanos não somente podem aprender muito mais que as outras espécies; eles também devem aprender mais para se tornarem seres humanos funcionando plenamente. Nos humanos, formas não aprendidas de direcionamento de condutas perderam sua rigidez genética e tornaram-se amalgamadas e subordinadas a formas aprendidas como a comunicação, a orientação ou o conhecimento social preexistente.

A terceira hipótese considera que nenhuma emoção de uma pessoa adulta é, em qualquer caso, um padrão geneticamente fixado. As emoções resultam de uma mescla de processos aprendidos e não aprendidos; componentes comportamentais, fisiológicos e

sensíveis atuam, sendo que a aprendizagem é um componente relevante nos níveis do comportamento e da sensibilidade.

Elias desenvolve sua argumento demonstrando que as emoções são uma forma de comunicação que precedem a linguagem. Sugere um entendimento das emoções como algo essencialmente comunicativo e, consequentemente, relacional.

Nessa esteira, Ian Burkitt (1997; 2009) argumenta que, se as emoções são a expressão de alguma coisa, elas o são das relações de interdependências, das quais são parte integral. Mais ainda: as emoções são essencialmente comunicativas: são expressões do que ocorre entre pessoas, e não expressões de alguma coisa existente no interior de uma pessoa. Dito de outro modo: o que está envolvido na produção da emoção são os relacionamentos, juntamente com as práticas e os estilos que se encontram envolvidos, ao invés de processos internos ao indivíduo que são apenas posteriormente expressados em um momento apropriado (ou inapropriado).

Para o autor, as emoções são vistas como complexos, não como coisas, que possuem uma composição multidimensional; elas somente acontecem nos relacionamentos, não obstante terem um aspecto corpóreo, personificado, tanto quanto aspectos socioculturais. As emoções são constituídas de técnicas corporais aprendidas no interior de *habitus* sociais.

Argumenta, ainda, no sentido do interesse deste artigo, que a emoção é um complexo constituído nos relacionamentos; ou seja, a emoção é um fenômeno multidimensional, que não pode ser reduzido ao biológico, relações ou somente aos discursos, mas pertencem a todas estas dimensões na medida em que são constituídas no decorrer de práticas relacionais. É na relação com os outros que um ator constrói suas narrativas, com o tom de uma interpretação completamente pessoal.

Utilizando-se do exemplo de emoções como o amor e a agressão, Burkitt desenvolve sua argumentação central: as emoções não são a expressão de processos interiores e, sim, modos de comunicação interior das relações sociais e no jogo de suas interdependências.

À luz dessas considerações, é coerente e pertinente enfocar o universo dos profissionais que trabalham em cemitérios realizando sepultamento. Os sepultadores acabam por participar do universo de significados particulares das pessoas, vez que a morte deixa sempre uma marca social. As experiências em cemitério dão a esses profissionais a possibilidade de vivenciar situações que se referem às vidas de pessoas, das famílias atingidas pela morte, partilhando conteúdos marcantes e tornam-se cúmplices de suas dores e experiências.

Convém lembrar que o cemitério, além de espaço de dor, também é um espaço de saudade, carinho, memória, ternura, aconchego, identidade; espaço que contém objetos como velas, flores, imagens de santos, fotos de famílias e de entes queridos, dizeres carinhosos... Todos esses elementos se articulam a cada enterro, a cada visita a um túmulo, a cada vivência dentro do cemitério, presenciada parcial ou integralmente pelos sepultadores.

3. Cemitério e memória

Valiosas informações sobre diversas áreas do conhecimento são proporcionadas pela análise do cemitério. Entre essas estariam informações referentes à preservação da memória.

> Levando em conta que a memória coletiva é fundamental para a formação da identidade e da coesão da família ou da comunidade, a análise das inscrições, fotos, datas, títulos (doutor, comendador, etc.) e dados pessoais ou profissionais, nos leva a conhecer a atuação das várias gerações e o processo histórico local (BELLOMO, 2008, p. 14).

Esses elementos cemiteriais (e outros) mencionados na argumentação de Bellomo equivalem a artefatos culturais concebidos ao mesmo tempo com caráter funcional e simbólico que, ao longo da história, a sociedade produziu para expressar seus sentimentos diante da morte. São múltiplos os significados desses artefatos para os que aqui ficaram. Nesse sentido, vale mencionar Orser Jr. (1992), quando comenta que todas as sociedades construíram objetos físicos para ajudá-las a sobreviver, a compreender o mundo em que vivem, a comunicar-se.

Desse modo, a sociedade, ao procurar e dar sentido aos objetos, assegura que "todos os artefatos têm 'vidas sociais', já que são possuidores de importantes sentidos sociais e são usados de modos variados, para significarem coisas diversas, no decorrer de sua existência" (ORSER JR., 1992, p. 98, destaque do autor).[7] Ou seja, os significados, sentidos, valores, memórias, identidades e emoções não estão nos objetos, mas nas pessoas que lhes atribuem. Essas características atribuídas aos objetos pelos sujeitos são ativadas na sua relação travada com os mesmos. Isso ocorre ainda, porque sujeito e objeto estão inseridos numa complexa rede de relações sociais, como sustenta Bruno Latour (2012).

Ao compreender o cemitério como lugar de rememoração, por ele compensar (em tese) o lugar de recusa do esquecimento do sepultado, passa-se a considerá-lo também uma

[7] É importante mencionar que Arjun Appadurai, antropólogo indiano, foi pioneiro em chamar atenção, em texto, sobre "a vida social das coisas, dos objetos", ao editar livro intitulado *The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective*, em 1988, pela Cambridge University Press. Existe uma tradução brasileira, feita por Agatha Bacelar - *A Vida Social das Coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural* -, lançada pela Editora da Universidade Federal Fluminense em 2008.

tentativa de frear o tempo (ilusória, é claro, porque se sabe que o tempo não para) e, de certa maneira, imortalizar a morte. Dessa forma, p. ex., o monumento tumular oportuniza o direito à memória. Neste contexto, a memória se materializa nos artefatos cemiteriais, sobretudo naqueles inscritos nas sepulturas. E como já mencionado, essas memórias ganham sentido e importância na relação sujeito-objeto.

Além dessas ocorrências mais concretas, a memória proporcionada pelo cemitério reverbera no imaginário e no onírico dos seus frequentadores, por necessidade ou por casualidade, entre os quais os sepultadores se encontram.

4. Memórias e Emoções

As experiências do cemitério trazem a esses profissionais, que vivem "trabalhando com a morte" (LESSA, 1995), a possibilidade de vivenciar situações que se referem às vidas de outros sujeitos. Os sepultadores, independentemente de suas vontades, "entram" na intimidade das famílias, partilhando conteúdos marcantes e tornam-se cúmplices de sua dor e experiência.

Por trabalharem diretamente com o lado denso da morte, o medo e o impacto do defunto, a sujeira e o cheiro da decomposição do corpo e sendo protagonistas do doloroso ritual que a família e amigos do morto vivenciam, estão expostos a uma vivência exacerbada de sentimentos em relação à questão do fim da existência humana.

Christophe Dejours (1992) ao tratar da relação do trabalho com o medo, coloca que esse sentimento é a tomada de consciência direta ou indireta do trabalhador com os riscos a que está exposto no trabalho e que podem ser agressivos a seu físico. Isso se faz presente no trabalho do sepultador através da consciência do risco nos casos de exumação e quando da abertura dos jazigos de onde exalam odores fétidos: estão expostos a doenças contagiosas e temem contraí-las, além de serem tomados por náuseas na execução de tal atividade.

Os relatos obtidos junto aos sepultadores do Cemitério Municipal da Consolação (Figura 1), sito à rua da Consolação, nº 863, bairro do Pequi, em Eunápolis, e Cemitério Pousada Eterna (Figura 2), sito à av. dos Navegantes, nº 44, em Porto Seguro - ambos no extremo sul do estado da Bahia - expõem a forte carga emocional vivenciada na profissão de sepultador. Eles servem para exemplificar a imbricação entre o social e o emocional que decorre das interações que acontecem no espaço cemiterial, durante o enterramento. Para além da perda, do luto dos outros, fica patente a dificuldade do sepultador no momento de atuar como profissional, em que é visto não como humano, capaz de sentimentos empáticos com a dor alheia, mas como autômato.



Figura 1: Entrada do Cemitério Municipal da Consolação, Eunápolis - BA.
Fonte: Autores, 2017.



Figura 2: Entrada do Cemitério Pousada Eterna, Porto Seguro - BA.
Fonte: Autores, 2017.

4.1 O trabalho de campo

A recolha dos depoimentos foi feita nos cemitérios, durante o período de trabalho dos sepultadores e foram gravadas com o consentimento dos mesmos, entre o período de junho a dezembro de 2012. A escolha dos mesmos aconteceu de modo aleatório. Foram entrevistados quatro sepultadores: dois de cada cemitério, cujo perfil está disposto abaixo (Tabela 1). Serão designados por nome fictícios para preservar as suas identidades.

Tabela 1 – Perfil dos entrevistados

Nome	*Idade*	*Escolaridade*	*Tempo de Profissão*	*Local de Trabalho*
Mateus	50	Ensino Fundamental	17 anos	Cemitério da Consolação
Marcos	30	Ensino Fundamental	10 anos	Cemitério da Consolação
João	59	Ensino Fundamental	30 anos	Cemitério Pousada Eterna
Lucas	35	Ensino Fundamental	7 anos	Cemitério Pousada Eterna

Fonte: Autores, 2017.

4.2 Alguns relatos

Os relatos abaixo, em forma de excertos, descortinam a forte carga emocional a que são submetidos, sob aspectos os mais diversos, no labor cotidiano, aqueles profissionais. Serão dispostos sem obedecer a nenhum princípio estratégico; tão somente demonstrar facetas de suas vivências, sobretudo, emocionais, por serem reveladoras disso.

A) Mateus: “Quando a gente sai do cemitério, a gente não pode ficar pensando em morte, se não, não vivemos”.

B) Marcos: “Procuro o mínimo possível imaginar a minha morte (...); é preciso viver o presente”.

C) João: “O que me marcou foi uma família que veio enterrar o filho de três anos, que havia caído na piscina, e se afogado. Foi uma tragédia”.

D) Lucas: “O mais difícil, pra mim, foi o enterro de uma criança de mais ou menos cinco, seis anos. Ela tinha medo do escuro... então a mãe pediu para deixar o caixão meio aberto, para não ficar escuro lá dentro. Mas nós não podíamos deixar aberto. Isso foi muito triste”.

E) Mateus: “Já enterrei criança natimorta. Chorei”.

F) João: “Teve o choro de uma senhora gaúcha, que perdeu a filha criança. Depois do enterro, todo mundo foi embora, só ficaram ela e o marido chorando. Não sabíamos (nós, os coveiros (sic)) o que fazer. O choro era doído, sabe?”.

G) Lucas: “Tem um senhor que, todo último sábado de cada mês, entra no cemitério, senta em cima do túmulo da esposa, passa duas ou três horas pensando... não fala nada... Depois, vai embora”.

H) Marcos: “(...) Estávamos com o caixão para sepultar. A mãe ia ser enterrada. Colocaram o caixão pra ser olhado pela última vez. Surge uma menina, por volta de quatro ou cinco anos, e fala: ‘tchau, mãe’! Trancou todo mundo. Teve um coveiro (sic), amigo meu, que saiu correndo, chorando”.

I) João: “A rotina do trabalho não tira a emoção do sepultador. Dependendo do dia e do caso, a gente sente o coração apertar”.

J) Lucas: “Meus amigos, na brincadeira, me chamam de ‘papa-defunto’; eu não gosto, mas é melhor ficar quieto senão aumenta a confusão”.

Por oportuno, mencione-se, *un passant*, que esses relatos apresentam analogias com o conceito de memórias vividas por tabela, de Michael Pollak (1992). Elas são memórias que os sujeitos, que nem sempre vivenciaram ou não tiveram experiências diretas com algum acontecimento, acabam tomando de empréstimo para si. Ou seja, os sepultadores não viveram de forma direta com o morto, mas acabam incorporando as memórias e emoções dos familiares, amigos ou conhecidos desses. Acabam incorporando essas memórias e emoções como se fossem suas. Vê-se também, aqui, o lado social da emoção como já mencionado. Ela é muito mais um fato social, que estritamente biológico.

Os relatos apresentam, ainda, relação com o conceito de “quadros sociais da memória”, de Halbwachs (2004). Tal conceito considera que a memória social modula a memória individual dos sujeitos. “A representação das coisas evocadas pela memória individual não é mais do que uma forma de tomarmos consciência da representação coletiva relacionada as mesmas coisas” (HALBWACHS, 1990, p. 61). O autor esclarece que são influências externas, sociais, que o sujeito sofre (como a linguagem, família, religião, tempo e espaço - “quadros sociais da memória”), que contribuem para a fixação de lembranças na memória individual. Para ele, o espaço exerce uma das mais importantes etapas de fixação das

lembranças, porque o sujeito não consegue reconstruir suas memórias se as mesmas não estiverem vinculadas a determinado ambiente (HALBWACHS, 2004).

Nessa ambiência, pode-se pensar que os sepultadores têm suas memórias moldadas por influências externas pertencentes aos quadros sociais da memória. Por esse raciocínio, pode-se também considerar os objetos e as emoções como partes essenciais desses "quadros". E essas duas últimas partes têm forte impacto na construção da memória coletiva dos sepultadores, conforme se depreende dos excertos das entrevistas transcritas acima.

5. Considerações Finais

Este artigo objetivou apresentar a relação entre os sepultadores e o complexo relacional e emocional no qual estão imersos (cemitérios), bem como a maneira que eles refletem sobre tal situação (memórias e relatos de como interpretam suas atuações). Desse modo, procurou, após a escuta desses profissionais, ponderar sobre suas falas à luz de teoria sociológica.

Com base ao que foi exposto no transcorrer do artigo, pode-se então estabelecer um vínculo entre cemitérios, memórias e emoções, uma ligação nem sempre tão fácil de captar quanto se possa crer pelo senso comum. Primeiro, porque às definições que podem ser atribuídas ao cemitério se somam àquelas que o sujeito, quase de maneira inconsciente, formula sobre o mesmo. "A relação simbólica instituída entre sociedade e cemitério abrange interpretações sobre a morte, a dor e o medo" (FREIRE, 2014). Depois, esses locais se aproximam do conceito de memória, que, para Pierre Nora (1984), são esses espaços de condensação de uma memória coletiva, parecendo reter o que na verdade comprovam não mais existir. Em terceiro lugar, a presença de "expectadores privilegiados" de funerais (os sepultadores), observando as emoções e reações geradas pelos outros e, ao mesmo tempo, regulando as suas próprias emoções. Por último, porque acontece numa cultura emocional dada, e específica de um tempo e de um espaço determinado, que provê os sujeitos nela inserido com conceitos simbólicos, linguísticos e comportamentais, com os quais dão sentido às próprias emoções. As situações emocionais são inscritas, desse modo, dentro de modelos relativamente contínuos e duradouros de relações e interações sociais.

O trabalho dos sepultadores exige uma disponibilidade física e psíquica muito grande; o que requer, inclusive, o desenvolver mecanismos de defesa para enfrentar o árduo cotidiano laboral. Posto que, como se viu pelos seus relatos, eles não estão imunes aos vários

sentimentos conexos às atividades que executam, pelos vínculos sociais que desenvolvem junto ao público assistido por eles.

Por fim, cabe considerar que estimular o debate, sem pretensão, de forma alguma, de constituir-se uma interpretação cabal dos aspectos abordados; abrir caminhos para trocas de experiências e ser fundamento para novas reflexões e argumentações que se destinem a perceber, com um olhar diferenciado, as questões tanatológicas e os profissionais a elas aderentes; provocar a necessidade de aprofundar e explorar mais a temática em perspectivas futuras – tudo isso foi, ao cabo e ao fim, o que se procurou fazer subjacentemente à argumentação apresentada sem rigores conceituais e metodológicos.

6. Referências

A PARTIDA. Direção: Yojito Takira. Produção: Toshiaki Nagazawa, Ichiro Nobukuni, Toshihisa Watai. Japão: Departures Films Partners, 2008, 1 DVD.

APPADURAI, Arjun. ***A Vida Social das Coisas*: as mercadorias sob uma perspectiva cultural.** Niterói: Editora da Universidade Fluminense, 2008.

BELLOMO, Harry R**. A arte funerária**. In: BELLOMO, Harry R. (Org.). *Cemitérios do Rio Grande do Sul*. 2ª ed. rev. ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 13-22.

BURKITT, Ian. **Social relationships and emotions.** ***Sociology***. v. 31, n. 1, p. 37-55, 1997.

_____. **Relações sociais, poder e emoção: uma perspectiva inspirada por Norbert Elias.** In: GEBARA, Ademir; WOUTERS, Cas. (Orgs.). *O Controle das Emoções*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009. p. 189-213.

CÂMARA, Cláudia Millena C. da. ***Os Agentes Funerários e a Morte*: o cuidado presente diante da vida ausente.** 2011. 165 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Arte, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

CODO, Wanderley; SAMPAIO, José J. Coelho. (Orgs.) ***Sofrimento Psíquico nas Organizações*: saúde mental e trabalho.** Vozes: Petrópolis, 1995.
DEJOURS, Christophe. *A Loucura do Trabalho*: Estudo de Psicopatologia do Trabalho. 6ª ed. São Paulo: Cortez/Oboré, 2015.

ELIAS, Norbert. **On Human Beings and Their Emotions: a process-sociological essay.** ***Theory, Culture and Society*,** Los Angeles, v. 4, n. 2, p. 339-361, 1987.

_____. ***A Solidão dos Moribundos Seguido de "Envelhecer e Morrer".*** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FRANCO, Clarissa. ***A Cara da Morte*: imaginário fúnebre no relato de sepultadores de São Paulo.** 2008. 210 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

FREIRE, Milena Carvalho B. [online] ***Isolamento e Sociabilidade no Luto*: a formação de redes sociais no ambiente** cemiterial. Disponível em: <http://revista-redes.rediris.es/webredes/arsrosario/01-Freire.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2014.

HALBWACHS, Maurice. ***A Memória Coletiva***. Rio de Janeiro: Vértice, 1990.

_____. ***Los Marcos Sociales de la Memoria*.** Barcelona: Anthropos Editorial, 2004.

KOVÁCS, Maria Julia; VAICIUNAS, Nancy; ALVES, Elaine Gomes R. **Profissionais do Serviço Funerário e a Questão da Morte.** *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 34, n. 4, p. 940-954, Dec. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932014000400940&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 10 ago. 2017.

LATOUR, Bruno. ***Reagregando o Social:* uma introdução à teoria do ator-rede.** Salvador: Edufba, 2012; São Paulo: Edusc, 2012.

LESSA, Cláudia. ***Trabalhando Com a Morte*.** 2ª ed. São Paulo: Scarpita Gráfica e Editora Ltda., 1995.

MINISTÉRIO DO TRABALHO. ***Classificação Brasileira de Ocupações*: Trabalhadores auxiliares dos serviços funerários: sepultador.** Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>. Acesso em: 09 ago. 2017.

MOTTA, Antonio. ***À Flor da Pedra*: formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2008.

_____. **Museu da Morte: patrimônios familiares e coleções**. In: MAGALHÃES, Aline M.; BEZERRA, Rafael Z. (Orgs.). *Museus Nacionais e os Desafios do Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2011. p. 280-295.

NATIONAL GEOGRAPHIC. ***Tabu Brasil:* coveiros**. Exibido em junho de 2013.

NORA, Pierre (sous la direction de). ***Les Lieux de Mémoire. La Republique*.** Paris: Gallimard, 1984.

ORSER JR., Charles E. ***Introdução à Arqueologia Histórica*.** Belo Horizonte: Oficina dos Livros, 1992.

PÊGAS, Diana de Jesus et al. **Saúde ocupacional dos trabalhadores de cemitérios**. *Journal of Nursing UFPE online* [JNUOL/DOI: 10.5205/01012007], v. 3, n. 1, p. 70-76, 2008

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social. *Estudos Históricos*,** Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

RODRIGUES, José C**. *Tabu do Corpo***. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

SILVA, Érica Q. **E a tristeza nem pode pensar em chegar**... *Revista Anthropológicas*, v. 20, n. 1+ 2, 2011.

SATO, Leny. **O conhecimento do trabalhador e a teoria das representações sociais.** In: CODO, Wanderley; SAMPAIO, José J. C. *Sofrimento Psíquico nas Organizações*. Petrópolis: Vozes, 1995.p. 48-57.

SELIGMANN-SILVA, Edith. ***Desgaste Mental no Trabalho Dominado*.** Rio de Janeiro/São Paulo: UFRJ/Cortez, 1994.

VOVELLE, Michel. ***Imagem e Imaginário na História*: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX.** São Paulo: Ática, 1997.

WARNER, William Lloyd. ***The Living and the Dead*: a study in the symbolic life of americans.** New Haven: Yale University Press, 1959.

ZELENOVIC, Cláudia Cristina C. M. ***Representações e Emoções de Coveiros Portugueses Face à Morte*.** 2008. 309 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2008.